

Capítulo 2

A síndrome da adolescência normal

MAURICIO KNOBEL

NORMALIDADE E PATOLOGIA NA ADOLESCÊNCIA

Concordo plenamente com os autores que, ao estudarem a adolescência, destacam a importância dos fatores socioculturais na determinação da fenomenologia expressiva nesta idade da vida. Logicamente, o mesmo caberia assinalar para qualquer outra etapa vital do ser humano. É por isso que considero que, em geral, quando se estabelecem critérios diferenciais de caráter social, sociocultural, econômico, etc., como predominantes no estudo da adolescência, se está desviando, pelo menos em parte, o problema básico fundamental da circunstância evolutiva que significa esta etapa, com toda a sua bagagem biológica individualizante.

Estudar a adolescência só como uma característica social determinada seria realizar uma abstração muito parcial de todo um processo humano que é necessário considerar dentro de uma verdadeira totalidade do conhecimento da psicologia evolutiva.

Considero que, de acordo com o que acabo de assinalar, este período da vida, como todo o fenômeno humano, tem sua exteriorização característica dentro do marco cultural-social no qual se desenvolve. Assim, devemos em parte considerar a adolescência como um fenômeno específico dentro de toda a história do desenvolvimento do ser humano, e, por outro lado, estudar a sua expressão circunstancial de caráter geográfico e temporal histórico-social.

Já G. Stanley Hall afirmava que o desenvolvimento e as concomitâncias de conduta do mesmo se produzem "de acordo com pautas inevitáveis, imutáveis, universais e independentes do ambiente sociocultural" (Muuss) (50). Embora esta ideia tenha sido muito discutida e refutada, em especial por psicólogos sociais, vemos que o conceito básico passa por períodos de revitalização e que mesmo investigadores altamente qualificados do campo psicológico social, como Sherif e Sherif, reconhecem que "os princípios psicológicos fundamentais que atuam em todos estes ambientes sociais poderiam ser os mesmos".

Não há dúvidas de que o elemento sociocultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência, mas também temos que considerar que atrás dessa expressão sociocultural existe um embasamento psicobiológico que lhe dá características universais. Pretender que o redespertar da sexualidade no nível de maturidade genital não é um

fenômeno básico da adolescência no nosso meio, seria como pretender que o próprio processo da civilização não acontece na realidade e que toda a circunstância socioeconômica de desenvolvimento não sucedeu e que a civilização não aconteceu como um fenômeno que incide diretamente sobre a personalidade.

Seria também pretender que não há uma sexualidade prévia e que a personalidade é um sinônimo direto de maturidade unicamente. Segundo esse critério, poder-se-ia chegar à conclusão, absurda, certamente, do ponto de vista evolutivo, de que só os adultos teriam personalidade e, também por isso, só eles teriam sexualidade.

Levando em consideração estes conceitos, ao aproximar-nos à adolescência em nosso meio e com a objetividade necessária para o investigador - que implica, logicamente, considerar a situação atual do próprio investigador e do objeto investigado -, nos localizamos no aqui e agora do mundo adolescente, como um presente atual, reconhecendo que por razões de ideologia científica temos um preconceito que define nosso marco referencial teórico.

A experiência psicanalítica do tratamento de adolescentes que vêm ou são trazidos a consulta, muitas vezes por consideração não só de caráter patológico no sentido estrito do termo, mas por conduta considerada como anormal dentro do marco familiar ou social do nosso meio, e a experiência psicanalítica com adolescentes com verdadeiros transtornos psicopatológicos, que não são mais do que a expressão magnificada, distorcida, mas que ocorre na evolução normal, sugere-nos outra fonte de informações.

Se a isto unirmos os grupos de pais, os tratamentos de adultos onde se faz uma reconstrução do mundo da sua adolescência, veremos outra perspectiva a mais do que significa este período evolutivo. Devemos anexar a isto a experiência com grupos de orientação de pais, os de orientação para mães e grupos de discussão de jovens e de adultos, como outro dos aspectos significativos para compreender o que ocorre com a adolescência.

Por outra parte, também investiguei mediante a utilização de questionários, testes psicológicos, grupos de discussão com adolescentes, completando isto com investigações sistemáticas desde o ponto de vista da indagação psicológica, o que me permitiu chegar a algumas conclusões que as que trato de unificar e transmitir aqui.

Concordo com Sherif e Sherif (61) de que a adolescência está caracterizada fundamentalmente por ser um período de transição entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento e que nas diferentes sociedades este período pode variar, como varia o reconhecimento da condição adulta que se dá ao indivíduo. Entretanto, existe, como base de todo este processo, uma circunstância especial, que é a característica própria do

processo adolescente em si, ou seja, uma situação que obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo e que o levam a abandonar sua autoimagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta. O problema da adolescência deve ser tomado como um processo universal de troca, de desprendimento, mas que será influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura, que o favorecerão ou dificultarão, segundo as circunstâncias.

Abstrair a adolescência do *continuum* que é o processo evolutivo e estudá-la apenas como uma etapa preparatória para a maturidade, significa, para mim, um adulto-morfismo que é preciso superar, já que induz a prejuízos de investigação dos quais depois resulta difícil escapar. Isto não implica negar que o caminho da adolescência é integrar-se nesse mundo do adulto, onde terá que aceitar sua nova configuração de ser humano, sua morfologia adulta e a capacidade do exercício de sua genitalidade para a procriação.

Enfocado assim o problema da adolescência, esta metodologia poderia parecer pouco sistemática. Entretanto, devemos ter presente, como assinalaram Thorpe e Johnson, que alguns estudos muito sistemáticos podem estereotipar o adolescente individual e dar um quadro errado.

Em trabalhos anteriores cheguei a definir a adolescência como: "a etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objeto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade infantil". Logicamente, dou por subentendido que quando falo de identidade, como já indiquei, falo de um *continuum* e que não me estou referindo à capacidade que tem o adolescente para conseguir uma identidade determinada, como veremos em seguida.

O processo de luto é básico e fundamental e se expõe nos capítulos que, com a inspiração e seguindo as ideias fundamentais de Arminda Aberastury, apresentam-se neste livro.

Penso que a estabilização da personalidade não se consegue sem passar por um certo grau de conduta patológica que, conforme o meu critério, devemos considerar inerente à evolução normal desta etapa da vida.

Frente a um mundo tão mutável e a um indivíduo que, como o adolescente, apresenta uma série de atitudes também mutáveis, este não pode senão manifestar-se numa forma muito especial, que de nenhuma maneira pode com parar-se sequer com o que seria a verdadeira normalidade no conceito adulto do termo.

O conceito de normalidade não é fácil de estabelecer, já que em geral varia em relação com o meio socioeconômico, político e cultural, como já

indiquei. Portanto, resulta geralmente uma abstração com validade operacional para o investigador que, situado num meio determinado, rege-se pelas normas sociais vi gentes em forma implícita ou explícita.

Assinalei em outra oportunidade (32) que a normalidade se estabelece sobre as pautas de adaptação ao meio, e que não significa submetimento ao mesmo, mas a capacidade de utilizar os dispositivos existentes para o alcance das satisfações básicas do indivíduo, numa interação permanente que procura modificar o desagradável ou o inútil através do alcance de substituições para o indivíduo e para a comunidade. Logicamente que, como destaca J. A. Merloo (45), a personalidade bem integrada não é sempre a melhor adaptada, mas tem, sim, a força interior como para advertir o momento em que uma aceitação temporária do meio pode estar em conflito com a realização de objetivos básicos, e pode também modificar a sua conduta de acordo com as suas necessidades circunstanciais. Este é o aspecto da conduta no qual o adolescente, em termos gerais, pode falhar. Ao viver uma etapa fundamental de transição, sua personalidade tem características especiais que nos permitem situá-lo entre as chamadas personalidades marginais, no sentido da adaptação e da integração que acabamos de esboçar. Anna Freud (21) diz que é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência, e considera que, na realidade, toda a comoção deste período da vida deve ser considerada como normal, assinalando também que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente.

As lutas e rebeliões externas do adolescente não são mais do que reflexos dos conflitos de dependência infantil que intimamente ainda persistem. Os processos de luto obrigam a atuações que têm características defensivas, de caráter psicopático, fóbico ou contrafóbico, maníaco ou esquizoparanóide, conforme o indivíduo e suas circunstâncias. É por isso que considero que posso falar de uma verdadeira patologia normal do adolescente, no sentido de que precisamente este exterioriza seus conflitos de acordo com a sua estrutura e suas experiências.

A SÍNDROME NORMAL DA ADOLESCÊNCIA

Assim como sabemos que existem fantasias psicóticas no bebê - pela nossa experiência clínica psicanalítica, vemos na adolescência a exteriorização, modificada pela experiência prévia, dos remanescentes dessas fantasias.

Para Erikson existe na adolescência uma mudança que é fundamental mente crítica. Este autor fala de três estágios no processo evolutivo, que sintetiza em: criança, adolescente e adulto, baseando-se em conceitos de Piaget, e aceitando que não se é um adulto adulto (nem foi uma criança criança, nem se tornou um adolescente adolescente) sem o que Piaget chama de conflito e que ele prefere

chamar de crise (17). Destaca então que, "de fato, para cada unidade destas, corresponde uma crise maior, e quando, por qualquer razão, uma crise tardia é severa, revivem-se as crises anteriores". A adolescência adolescente é então, segundo este critério, também conflitiva, como facilmente se pode concluir. Sobre estas bases, e levando em consideração o critério evolutivo da psicologia, considero que a adolescência, mais do que uma etapa estabilizada, é processo, desenvolvimento, e que, portanto, deve se admitir e compreender a sua aparente patologia, para situar seus desvios no contexto da realidade humana que nos rodeia.

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas de acordo com o que conhecemos dele. Em nosso meio cultural, mostra-nos períodos de elação de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas nas quais se pode oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, condutas sexuais dirigidas para o heteroerotismo e até a homossexualidade ocasional. Tudo isto é o que eu chamei uma entidade semipatológica ou, preferindo, "uma síndrome normal da adolescência". Devo assinalar também aqui que, emparentadamente, estas características não são exclusivamente nossas, do nosso meio particular, mas que é possível vê-las em diferentes culturas e dentro de diferentes marcos socioeconômicos de vida, como pude apreciar no Seminário Psiquiátrico Transcultural sobre Adolescência realizado em maio de 1968 pela Associação Norte-Americana de Psiquiatria, durante seu 124º Congresso Anual (37). A maior ou menor anormalidade desta síndrome normal à qual acabo de referir-me dever-se-á, em grande parte, aos processos de identificação e de luto que tenha podido realizar o adolescente. Na medida em que tenha elaborado os lutos, que são em última instância os que levam à identificação, o adolescente verá seu mundo interno mais fortificado e, então, está normal anormalidade será menos conflitiva e, conseqüentemente, menos perturbadora.

Sintetizando as características da adolescência, podemos descrever a seguinte sintomatologia que integraria esta síndrome: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que institui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10)

constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. Deliberadamente aceito a contradição que significa o associar síndrome, que implica entidade clínica, com normalidade, que significaria estar fora da patologia.

Entretanto, o convívio social e nossas estruturas institucionais fazem-nos ver que as normas de conduta estão estabelecidas, manejadas e regidas pelos indivíduos adultos da nossa sociedade. É sobre esta intercorrelação de gerações, e desde o ponto de vista regente e diretivo, que podemos, e creio eu que devemos, estar capacitados para observar a conduta juvenil como algo que aparentemente é seminormal ou semipatológico, mas que, entretanto, frente a um estudo mais objetivo, desde o ponto de vista da psicologia evolutiva e da psicopatologia, aparece realmente como algo coerente, lógico e normal.

Por outro lado, esta maneira de encarar o problema permite aceitar os desajustes e desencontros, valorizá-los com maior correção e utilizar o impacto de gerações, não como fonte de conflitos negativos, mas como um encontro inquietante que facilite o desenvolvimento da humanidade.

Vejamos agora as características fundamentais das situações antes enunciadas como sintomas.

1 - BUSCA DE SI MESMO E DA IDENTIDADE

Estabelecido o aparelho psíquico imediatamente depois do nascimento (28) e aceitando, além disso, que o psiquismo já está estruturado de uma determinada maneira durante o período embrionário e fetal (54), vemos que se começam a elaborar as ansiedades básicas, substrato da personalidade desde o nascimento mesmo, num processo psicológico que num *continuum* levará o indivíduo até a maturidade.

O período infantil e o da adolescência não devem ser vistos, conforme já o indiquei, apenas como uma preparação para a maturidade, mas é necessário enfocá-los com um critério do momento atual do desenvolvimento e do que significa o ser humano nessas etapas da vida. É lógico aceitar que o caminho da adolescência é entrar no mundo do adulto, mas temos que reconhecer que a identidade é uma característica de cada momento evolutivo. Como para nós a adolescência é também um momento do desenvolvimento, uma etapa a mais no processo total do viver, devemos tentar observar quais são as características fundamentais que aparecem neste período vital.

É preciso destacar que o poder chegar a utilizar a genitalidade na procriação é um feito biopsicodinâmico que determina uma modificação essencial no processo de conquista da identidade adulta e que caracteriza a turbulência e a instabilidade da identidade adolescente. O acontecimento do amadurecimento genital, psicodinamicamente considerado, junto com a reativação de todas as etapas pré-genitais (nas quais, logicamente, é necessário incluir a fase genital prévia, que é a que marca grande parte das modalidades

de comportamento do adolescente e depois do adulto) da evolução libidinal e com a interação tumultuosa dos processos psicológicos básicos de dissociação, projeção introjeção e identificação, irão estabelecendo, de uma maneira algo confusa no começo e mais estruturada depois, a personalidade mais ou menos definida. Ou seja, conseguir-se-á chegar a uma verdadeira cristalização do árduo processo de individualização, que seria uma das funções essenciais desta etapa da vida. A criança entra na adolescência com dificuldades, conflitos e incertezas que se magnificam neste momento vital, para sair em seguida à maturidade estabilizada com determinado caráter e personalidade adultos. Consegue-se o que Erikson (15) definiu como uma entidade egóica, uma entidade pessoal, e o que Nixon denominou a autocognição Conforme este último autor, a autocognição é um fenômeno essencialmente biológico e se relaciona com o conceito de si mesmo (self), ou seja, o símbolo que cada um possui de seu próprio organismo. Entendo que isto se produz, na realidade, em todas as etapas do desenvolvimento e que adquire características especiais na adolescência. A ideia do si mesmo ou do self implica algo muito mais amplo em todas as etapas do desenvolvimento. É o conhecimento da individualidade biológica e social, do ser psicofísico em seu mundo circundante, que tem características especiais em cada idade evolutiva. A consequência final da adolescência seria um conhecimento do si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento da vida. Ao conceito do self como entidade psicológica, une-se o conhecimento do substrato físico e biológico da personalidade. O corpo e o esquema corporal são duas variáveis intimamente inter-relacionadas que não devem desconhecer-se na equação do processo de definição de si mesmo e da identidade.

Pode-se aceitar que na puberdade ocorram mudanças físicas em três níveis fundamentais (9), que são: um primeiro nível, onde a ativação dos hormônios gonadotróficos da hipófise anterior produz o estímulo fisiológico necessário para a modificação sexual que ocorre neste período da vida. No segundo nível temos as consequências imediatas da secreção da gonadotrofina hipofisária e do prosseguimento da secreção do hormônio de crescimento da mesma hipófise: a produção de óvulos e espermatozoides maduros e também o aumento da secreção de hormônios adrenocorticais como resultado da estimulação do hormônio adrenocorticotrófico. No terceiro nível se encontra o desenvolvimento das características sexuais primárias (com o aumento do pênis, dos testículos, ou do útero e da vagina) e o desenvolvimento das características sexuais secundárias (com o amadurecimento dos seios, a modificação da cintura escapulária e pelviana, o crescimento do pelo pubiano, as mudanças de voz), aos quais devemos acrescentar as modificações fisiológicas em geral e das mudanças de tamanho, peso e proporção do corpo que acontecem neste período vital. Em nosso meio, Schteingart (58)

apresentou uma descrição exaustiva do que ocorre com as modificações endócrinas neste período da vida.

O esquema corporal é uma resultante intrapsíquica da realidade do sujeito, ou seja, é a representação mental que o sujeito tem de seu próprio corpo como consequência de suas experiências em contínua evolução. Esta noção do indivíduo vai se estabelecendo desde os primeiros movimentos dinâmicos de dissociação, projeção e introjeção que permitem o conhecimento do self e do mundo exterior, isto é, do mundo interno e do mundo externo (39). Aqui são de fundamental importância os processos de luto com relação ao corpo infantil perdido, que obrigam a uma modificação do esquema corporal e do conhecimento físico de si mesmo, numa forma muito característica para este período. Logicamente, isto vai acontecendo com características diferentes desde o começo da vida, mas cristaliza, em virtude do recém-indicado, de uma maneira muito significativa e especial na adolescência. (Os processos de luto são descritos amplamente mais adiante neste livro.)

A conquista de um autoconceito é o que também Sherif e Sherif (61) chamam o ego, desde um ponto de vista psicológico não psicanalítico, assinalando que este autoconceito vai se desenvolvendo à medida que o sujeito vai mudando e vai se integrando com as concepções que muitas pessoas, grupos e instituições têm a respeito dele mesmo, e vai assimilando todos os valores que constituem o ambiente social. Concomitantemente, vai se formando este sentimento de identidade, como uma verdadeira experiência de autoconhecimento (24). A psicanálise confirma estas ideias e também aceita que é necessário integrar todo o passado, o experimentado, o internalizado (e também o rejeitado), com as novas exigências do meio e com as urgências instintivas ou, preferindo-se, com as modalidades de relação objetal estabelecidas no campo dinâmico das relações interpessoais. O adolescente precisa dar continuidade a tudo isto dentro da personalidade, pelo que se estabelece uma busca de um novo sentimento de continuidade e semelhança consigo mesmo (16). Para Erikson (18), o problema-chave da identidade consiste na capacidade do ego de manter esta semelhança e continuidade frente a um destino mutável, e por isso a identidade não significa para este autor um sistema interno, fechado, impenetrável à mudança, mas sim um processo psicossocial que preserva alguns aspectos essenciais, tanto no indivíduo como em sua sociedade.

Para Sorenson (62), a identidade é a criação de um sentimento interno da semelhança e continuidade, uma unidade da personalidade sentida pelo indivíduo e reconhecida por outro, que é o "saber quem sou". Grinberg (24) diz que o sentimento de identidade "implica a noção de um ego que se apoia essencialmente na continuidade e semelhança das fantasias in conscientes referidas primordialmente às sensações corporais, às tendências e afetos em

relação aos objetos do mundo interno e externo e às ansiedades correspondentes, ao funcionamento específico em qualidade de intensidade dos mecanismos de defesa e ao tipo particular de identificações assimiladas, resultantes dos processos de introjeção e projeção

Se passa da infância à plena atuação genital procriativa, mas se atravessa primeiro pelo que Erikson (15) chamou "a moratória psicosexual", onde não se requerem papéis específicos e se permite experimentar com o que a sociedade tem para oferecer com a finalidade de permitir a posterior definição da personalidade.

Nesta busca de identidade, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a da uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal. Ocorre aqui o processo de dupla identificação em massa, onde todos se identificam com cada um, e que explica, pelo menos em parte, o processo grupal do qual participa o adolescente e do qual em seguida se ocuparei.

Em certas ocasiões, a única solução pode ser a de procurar o que o próprio Erikson (15) chamou também "uma identidade negativa", baseada em identificações com figuras negativas, mas reais. É preferível ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada. Isto constitui uma das bases do problema das turmas de delinquentes, dos grupos de homossexuais, dos adeptos às drogas, etc. A realidade costuma ser mesquinha ao proporcionar figuras com as quais pode-se fazer identificações positivas e então, na necessidade de ter uma identidade, recorre-se a esse tipo de identificação, anômala, mas concreta. Isto acontece muitas vezes, sobretudo quando já houve transtornos na aquisição da identidade infantil. Além disso, quando os processos de luto pelos aspectos infantis perdidos se realizam em forma patológica, a necessidade da conquista de uma identidade costuma fazer-se muito imperiosa para poder abandonar a da criança, que segue se mantendo.

Grinberg (24) destaca a possibilidade da desconformidade com a personalidade adquirida e o desejo de conseguir outra por meio da identificação projetiva. Esta pode ser mobilizada pela inveja, um dos sentimentos mais importantes que entram em jogo nas relações de objeto (29). As primeiras etapas do desenvolvimento se caracterizam porque o bebê pode invejar o peito que não o satisfaz e fantasiar com sua destruição, de acordo com a teoria kleiniana. Este é um sentimento negativo, já que procura se apoderar do objeto e danificá-lo. Impede-se assim a divisão do mesmo em bom e mau e criam-se situações confusas (59). Sobre esta base, os atributos masculinos ou femininos podem chegar a ser invejados indistintamente, e a identidade sexual do sujeito se perturba, dificultando notavelmente a solução do processo edípico adolescente. Pode acontecer aqui a "identificação com o

agressor", na qual o adolescente adota as características de personalidade de quem atuou agressiva e persecutoriamente com ele.

Existem também problemas de pseudo-identidade, expressões manifestas do que se quisera ou pudera ser e que escondem a identidade latente, a verdadeira (24).

Como se verá no capítulo sobre os mecanismos de defesa predominantes nos adolescentes, a angústia que se desperta nestes, vinculada com o transtorno da percepção do decurso do tempo, pode levá-los a iniciar precocemente sua vida genital ou a substitutos socializados desta, ainda antes de ter aceitado a sua identidade genital, como se não pudessem esperar a que esta chegue. Nesta pressa, que se pode interpretar como uma forma maníaca de procurar a identidade adulta, é possível chegar à aquisição de ideologias que são somente defensivas ou, em muitos casos, tomadas emprestadas aos adultos, as que não estão autenticamente incorporadas ao ego.

Tudo o que foi dito anteriormente é o que pode levar o adolescente a adotar diferentes identidades. As identidades transitórias são as adotadas durante um certo tempo, como, por exemplo, o período de machismo no rapaz ou da precoce sedução histeroide na moça - descrita com precisão na novela *Lolita*, de Novokof -, do adolescente bebê ou do adolescente muito sério, muito adulto; as identidades ocasionais são as que se dão frente a situações novas, como, por exemplo, no primeiro encontro com um parceiro, o primeiro baile, etc., e as identidades circunstanciais são as que conduzem a identificações parciais transitórias que costumam confundir o adulto, surpreendido, às vezes, ante as mudanças na conduta de um mesmo adolescente que recorre a este tipo de identidade, como, por exemplo, quando o pai vê seu filho adolescente, conforme o veem no colégio, no clube, etc., e não como ele habitualmente o vê no seu lar e na sua relação com ele mesmo.

Estes tipos de identidade são adotados sucessivamente ou simultaneamente pelos adolescentes conforme as circunstâncias. São aspectos da identidade adolescente, que estou descrevendo, e que surgem como uma de suas características fundamentais, relacionadas com o processo de separação - que posteriormente poderá ser definitiva - das figuras parentais, com aceitação de uma identidade independente.

Devemos levar em consideração, também, que isto se pode interpretar como o resultado do manejo das ansiedades persecutórias e das capacidades autodestrutivas que obrigam à fragmentação do ego e dos objetos com os quais este entra em contato, com a conseqüente projeção ao exterior destas imagens ameaçadoras. Não poucas vezes se experimenta o desprendimento como uma prova definitiva para o ego, posto que somente perdendo os aspectos que resultam já inúteis (pais infantis persecutórios destruídos) podem-se integrar outros novos dentro da personalidade. Enquanto isto se

realiza, configura-se um sentimento depressivo que precipita um desejo de completar-se que em muitos indivíduos produz um "sentimento antecipatório de ansiedade e depressão referente ao ego", como diz Grinberg (24), e que obriga a agarrar-se a precários estados de identidade com a finalidade de preservar-se de alterações muito temidas.

Conforme este autor, são microdepressões e microlutos que preveem e preparam o ego ante o perigo de depressões mais severas, como são as que acontecem nas grandes mudanças de personalidade e que se produzem frente a acontecimentos importantes da vida, que implicam estruturações mais permanentes e progressivas.

Na adolescência tudo isto acontece com uma intensidade muito marcada. A situação mutável que significa a adolescência obriga a reestruturações permanentes externas e internas que são vividas como intrusões dentro do equilíbrio conquistado na infância e que obrigam o adolescente, no processo de conquistar a sua identidade, a tentar refugiar-se ferreamente em seu passado enquanto tenta também projetar-se intensamente no futuro.

Realiza um verdadeiro processo de luto pelo qual, no início, nega a perda de suas condições infantis e tem dificuldades em aceitar as realidades mais adultas que se lhe vão impondo, entre as quais, logicamente, se encontram fundamentalmente as modificações biológicas e morfológicas do seu próprio corpo.

Alguns autores separam a puberdade da adolescência, visto que esta última implicaria algo mais do que as mudanças físicas (50), mas não há dúvidas de que estas mudanças participam ativamente do processo adolescente, ao ponto de formar com ele um todo indeiscente. O rapaz apresenta o crescimento do pelo axilar, pubiano e facial, a mudança de voz, o incremento muscular e o começo da emissão seminal. A moça também mostra o aparecimento do pelo axilar e pubiano, a acentuação das cadeiras, o desenvolvimento dos seios, e o começo da ovulação e da menstruação (9). Todas estas mudanças que vão se sucedendo criam grande preocupação. Às vezes, a ansiedade é tão grande que surge o que já assina lei como desconformidade com a própria identidade, que se projeta então ao organismo. Um grupo de rapazes e moças, interrogados a respeito de se desejariam uma mudança do seu aspecto físico, respondeu na sua grande maioria que sim (49), o que demonstra como o adolescente vive estas mudanças corporais como perturbadoras. A descoordenação muscular, devido ao desigual crescimento os teomuscular, o aspecto desajeitado, a falta de semelhança com os que o rodeiam no meio familiar, despertam no adolescente sentimentos de estranheza e insatisfação. Isto contribui para criar esse sentimento de despersonalização, unido, logicamente, à elaboração psicológica

da identidade que estou descrevendo. Temos aqui certos padrões de aspecto físico que se tentam imitar e seguir nas identificações e que estão culturalmente determinados. É muito certa a afirmação de Mira y López (46) no sentido de que em nosso meio cultural se observa, por exemplo, em torno do pelo facial, toda uma grande preocupação. Surge o que este autor chama a tricofilia do rapaz e a tricofobia da moça.

Estas mudanças são percebidas não só no exterior corporal, mas como uma sensação geral de caráter físico. Há, como diz Anibal Ponce (53), uma verdadeira cenestesia, subjetiva e inexprimível.

Os processos de identificação que se foram desenvolvendo na infância me diante a incorporação de imagens parentais boas e más são os que permitirão uma melhor elaboração das situações mutáveis que se tornam difíceis durante o período adolescente da vida. O processo de luto, que se realiza como todo processo de luto, precisa de tempo para ser realmente elaborado e não ter as características de uma atuação de caráter maníaco ou psicopático, o que explica que o verdadeiro processo de entrar e sair da adolescência seja tão longo e nem sempre plenamente alcançado.

A busca incessante de saber qual a identidade adulta que se vai constituir é angustiante, e as forças necessárias para superar estes microlutos e os lutos ainda maiores da vida diária obtêm-se das primeiras figuras introjetadas que formam a base do ego e do superego deste mundo interno do ser. A integração do ego se produz pela elaboração do luto em partes de si mesmo e por seus objetos (25). Um bom mundo interior surge de uma relação satisfatória com os pais internalizados e da capacidade criativa que eles proporcionam, como assinala Arminda Aberastury (2), que destaca que esse mundo interno que possibilita uma boa conexão interior, uma fuga defensiva na qual o adolescente "mantém e reforça a sua relação com os objetos internos e evita os externos", é o que facilita um bom reajuste emocional e o estabelecimento da identidade adolescente.

Sobre a base do que foi dito, creio lógico assinalar que a identidade adolescente é a que se caracteriza pela mudança de relação do indivíduo, basicamente com seus pais. (Refiro-me à relação com os pais externos reais e à relação com as figuras parentais internalizadas). Logicamente, a separação destes começa desde o nascimento, mas é durante a adolescência que os seres humanos, como dizem Gallagher e Harris (23), "querem desesperadamente ser eles mesmos". Como estes autores assinalaram, "lutar por conseguir a maturidade n é o mesmo que ser maduro". Na adolescência, o indivíduo dá um novo passo para se estruturar na preparação para a vida adulta.

Dentro do *continuum* de sua identidade, os elementos biológicos introduzem uma modificação irreversível. Já n se terá novamente o corpo infantil. Embora todo o processo evolutivo esteja marcado por microlutos, aqui

começa um luto muito mais evidente e significativo, o qual acompanharão os lutos pelo papel e pela identidade infantis (junto com o luto pela bissexualidade) e por esses pais da infância a quem tanto se necessitava e dos quais se podia depender.

A presença externa, concreta, dos pais começa a ser desnecessária. Agora a separação destes não só é possível, como necessária. As figuras parentais estão internalizadas, incorporadas à personalidade do sujeito, e este pode começar seu processo de individualização. O volume, a configuração e a qualidade das figuras parentais internalizadas adequadamente enriqueceram o ego, reforçaram seus mecanismos defensivos úteis, permitiram o desenvolvimento de suas áreas mais s ou, preferindo-se, das não psicóticas, estruturaram o superego, e dotaram-no das necessárias características causadoras da vida sexual que começa a poder exteriorizar-se na satisfação genital, agora biologicamente possível. O nível genital adulto, com características procriativas, ainda n foi alcançado plenamente (Ashley Montagu fala da "esterilidade do organismo adolescente"), mas a chamada da sexualidade à satisfação genital, que começou na fase genital prévia, é agora uma realidade fática. Essa é outra das situações de mudança que se produzem na adolescência, e que influem nas características de como é nesse momento a busca de si mesmo e da identidade.

2 –A TENDÊNCIA GRUPAL

Já assinaiei que, na sua busca da identidade adolescente, o indivíduo, nessa etapa da vida, recorre como comportamento defensivo à busca de uniformidade, que pode proporcionar segurança e estima pessoal. Aí surge o espírito de grupo pelo qual o adolescente mostra-se tão inclinado. Há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um. Às vezes, o processo é tão intenso que a separação do grupo parece quase impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar. Não se pode se parar da turma nem de seus caprichos ou modas. Por isso, inclina-se às regras do grupo, em relação a modas, vestimenta, costumes, preferências de todos os tipos, etc.

Em outro nível, as atuações do grupo e dos seus integrantes representam a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente da do meio familiar. No grupo, o indivíduo adolescente encontra um reforço muito necessário para os aspectos mutáveis do ego que se produzem neste período da vida.

Desta maneira, o fenômeno grupal adquire uma importância transcendental, já que se transfere ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente. O grupo constitui assim a transição necessária no mundo

externo para alcançar a individualização adulta, O grupo resulta útil para as dissociações, projeções e identificações que seguem ocorrendo no indivíduo, mas com características que diferem das infantis. Depois de passar pela experiência grupal, o indivíduo poderá começar a separar-se da turma e assumir a sua identidade adulta. A utilização dos mecanismos esquizo-paranóides é muito intensa durante a adolescência, e o fenômeno grupal favorece a instrumentação dos mesmos. Quando durante este período da vida o indivíduo sofre um fracasso de personificação, produto da necessidade de deixar rapidamente os atributos infantis e assumir uma quantidade de obrigações e responsabilidades para as quais ainda não está preparado, recorre ao grupo com um reforço para a sua identidade. Vê-se também que uma das lutas mais desapiedadas é a que se desenvolve em defesa da independência, num momento em que os pais desempenham ainda um papel muito ativo na vida do indivíduo. É por isso que no fenômeno grupal o adolescente procura um líder ao qual submeter-se, ou então, erige-se ele mesmo em líder para exercer o poder do pai ou da mãe.

Precisamente, também pelos mesmos mecanismos de tipo esquizóide aos quais estou me referindo, o indivíduo sente que estão acontecendo processos de mudança, dos quais ele não pode participar de modo ativo, e o grupo vem a solucionar então grande parte de seus conflitos. Entretanto, em virtude da estrutura esquizóide que caracteriza este fenômeno grupal, sua própria personalidade costuma ficar fora de todo o processo que está acontecendo, especialmente nas esferas do pensamento, como veremos no capítulo correspondente, e o indivíduo sente-se totalmente irresponsável pelo que acontece ao seu redor. Pareceria que o adolescente não tivesse nada a ver com o que faz, o que pode explicar atitudes que aparentemente implicam uma grande dependência dos adultos, mas que se contradizem imediatamente com demandas e pedidos de ajuda que revelam a extrema dependência que na realidade têm.

O fenômeno grupal facilita a conduta psicopática normal no adolescente, como se enfatizará em outros capítulos deste texto. O acting-out motor, produto do descontrole frente à perda do corpo infantil, une-se ao acting-out afetivo, produto do descontrole pelo papel infantil que se está perdendo; aparecem então condutas de desafeto, de crueldade com o objeto, de indiferença, de falta de responsabilidade, que são típicas da psicopatia, mas que encontramos na adolescência normal. Como se enfatizará logo, a diferença fundamental reside em que no psicopata esta conduta é permanente e cristalizada, enquanto que no adolescente normal é um momento circunstancial e transitório que se submete à retificação pela experiência. Logicamente, também acontecem manifestações de conduta neurótica ou

psicótica de diferente natureza, conforme as circunstâncias e as condições internas de cada sujeito.

Ao reiterar o assinalado no capítulo 5 sobre o pensamento no adolescente, posso afirmar que, no psicopata, o "curto-circuito afetivo, ao eliminar o pensamento, onde a culpa pode se elaborar, permite o mau trato definitivo dos objetos reais e fantasiados, criando em última instância um empobrecimento do ego, que tenta manter-se irrealmente numa situação infantil de irresponsabilidade, mas com aparente independência. Diferente do adolescente normal, que tem conflitos de dependência, mas que pode reconhecer a frustração, a impossibilidade de reconhecer e aceitar a frustração obriga a bloquear a culpa e induzir o grupo à atuação sadomasoquista sem participar da mesma. Pode fazê-lo porque dissocia pensamento de afeto e utiliza o conhecimento das necessidades dos outros para provocar a sua atuação, satisfazendo assim, indiferentemente em aparência, suas próprias ansiedades psicóticas. O adolescente pode, nestas circunstâncias, seguir os propósitos do psicopata, e sucumbe na ação, já que participa intensa e honestamente da mesma. É assim que o conflito de identidade, no adolescente normal, adquire no psicopata a modalidade de uma má-fé consciente, que o leva a expressões do pensamento de tipo cruel, desafetivo, ridicularizante dos demais, como mecanismos de defesa frente à culpa e ao luto pela infância perdida que não pode ser elaborada."

3 - NECESSIDADE DE INTELECTUALIZAR E FANTASIAR

A necessidade de intelectualizar e fantasiar acontece como uma das formas típicas do pensamento do adolescente. Nesta obra nos referimos com maior extensão ao tema do pensamento nesta etapa da vida num capítulo especialmente dedicado ao tema. Aqui tomo estes mecanismos, que podem ser logicamente considerados como mecanismos defensivos, em sua expressão fenomênica, e tratarei de explicar psicodinamicamente estes sintomas da síndrome da adolescência normal.

A necessidade que a realidade impõe de renunciar ao corpo, ao papel e aos pais da infância, assim como à bissexualidade que acompanha a identidade infantil, enfrenta o adolescente com uma vivência de fracasso ou de impotência frente à realidade externa. Isto obriga também o adolescente a recorrer ao pensamento para compensar as perdas que ocorrem dentro de si mesmo e que não pode evitar. As elocubrações das fantasias conscientes - refiro-me ao fantasiar - e o intelectualizar servem como mecanismos defensivos frente a estas situações de perdas dolorosas.

A intelectualização e o ascetismo têm sido assinalados por Anna Freud (20) como manifestações defensivas típicas da adolescência. Esta autora nos mostra que a função do ascetismo é manter o Id dentro de certos limites por

meio de proibições, e a função da intelectualização consistirá em ligar os fenômenos instintivos com conteúdos ideativos e fazê-los assim acessíveis à consciência e fáceis de controlar.

A incessante flutuação da identidade adolescente, que se projeta como identidade adulta num futuro bem próximo, adquire caracteres que costumam ser angustiantes e que obrigam a um refúgio interior que é muito característico. É ali onde, como já indiquei, o mundo infantil desempenha um papel predominante que é absolutamente fundamental levar em consideração para compreender como o adolescente, frente a todos estes choques do seu mundo interno mutável e do seu mundo externo indominável e frustrante, pode sair airoso. Como assinalou Arminda Aberastury (2), somente tendo uma relação adequada com objetos internos bons e também com experiências externas não demasiada mente negativas, pode-se chegar a cristalizar uma personalidade satisfatória.

Tal fuga no mundo interior permite, segundo esta autora, uma espécie de reajuste emocional, um autismo positivo no qual se dá um "incremento da intelectualização que leva à preocupação por princípios éticos, filosóficos, sociais, que muitas vezes implicam formular-se um plano de vida muito diferente do que se tinha até esse momento e que também permite a teorização acerca de grandes reformas que podem acontecer no mundo exterior. Este mundo exterior vai se diferenciando cada vez mais do mundo interno e, portanto, serve também para defender-se das mudanças incontroláveis deste último e do próprio corpo. Surgem, então, as grandes teorias filosóficas, os movimentos políticos, as ideias de salvar a humanidade, etc. É também aí que o adolescente começa a escrever versos, novelas, contos e dedica-se a atividades literárias, artísticas, etc.

É preciso destacar que esta é uma explicação de certas manifestações culturais e políticas que acontecem muito habitualmente na grande maioria dos adolescentes.

Mas não implica concluir que todas as manifestações artísticas, culturais e políticas dos adolescentes tenham forçosamente este substrato, nem que respondam sempre a situações conflituosas não manejáveis. Talvez coubesse discutir aqui toda a problemática da sublimação por um lado ou o enfoque psicossociológico por outro, o que foge às possibilidades deste trabalho.

4 - AS CRISES RELIGIOSAS

Quanto à religiosidade, fenomenologicamente se observa que o adolescente pode se manifestar como um ateu exacerbado ou como um místico muito fervoroso, como situações extremas. Logicamente, entre elas há uma grande variedade de posicionamentos religiosos e mudanças muito

frequentes. É comum observar que um mesmo adolescente passa, inclusive, por períodos místicos ou pôr períodos de um ateísmo absoluto. Isto concorda com toda a situação mutável e flutuante do seu mundo interno, ao qual estou me referindo.

Charlotte Buhler (12) disse que o adolescente "quer duvidar, cavar, quer procurar, não decidir-se. . .", "e quando entra nesta idade difícil, pergunta-se quem é, o que é, para depois tentar uma resposta mais ou menos adequada a esta pergunta, interrogar-se a respeito do que fazer com ele, como o que ele supõe que é". A preocupação metafísica emerge então com grande intensidade, e as tão frequentes crises religiosas não são um mero reflexo caprichoso do místico, como às vezes costumam aparecer aos olhos dos adultos, mas tentativas de soluções da angústia que vive o ego na sua busca de identificações positivas e do confronto com o fenômeno da morte definitiva de uma parte do seu ego corporal. Além disso, começa a enfrentar a separação definitiva dos pais e também a aceitação da possível morte dos mesmos.

Isto nos explica como o adolescente pode chegar a ter tanta necessidade de fazer identificações projetivas com imagens muito idealizadas, que lhe garantam a continuidade da existência de si mesmo e de seus pais infantis. A figura de uma divindade, de qualquer tipo de religião, pode representar para ele uma saída mágica deste tipo.

Se as situações de frustração são muito intensas e as vivências de perda sumamente penosas, por carência de boas relações em virtude das características das imagens parentais perseguidoras internalizadas, o refugiar-se numa atitude niilista, como uma aparente culminação de um processo de ateísmo reivindicatório, pode também ser uma atitude com pensadora e defensiva. Como muito bem afirma González Monclús (26): "Entre ambos os extremos, misticismo exacerbado, ateísmo racionalista, é talvez oportuno assinalar entre os adolescentes uma frequente posição: a do entusiasmo formal em contra posição com uma indiferença frente aos valores religiosos essenciais".

O misticismo, que pode chegar a alcançar níveis delirantes, e o materilismo com características niilistas são atitudes extremas de uma forma de deslocamento ao intelectual religioso, de mudanças concretas e reais que ocorrem nível corporal e no plano da atuação familiar-social que resultam incontrolável nesse nível fático, frente aos quais a impotência do adolescente é sentida por esta como absoluta.

Considero que na construção definitiva de uma ideologia, assim como d valores éticos ou morais, é preciso que o indivíduo passe por algumas idealizações persecutórias, que as abandone por objetos idealizados egossintônicos, para de pois sofrer um processo de desidealização que possibilite construir novas e verdadeiras ideologias de vida.

5 - A DESLOCALIZAÇÃO TEMPORAL

O pensamento do adolescente, tanto frente ao temporal como ao espacial, adquire características muito especiais. Desenvolvi amplamente este assunto em outro trabalho; e mencionarei aqui algumas das minhas observações e conclusões.

Do ponto de vista da conduta observável, é possível dizer que o adolescente vive com uma certa deslocalização temporal; converte o tempo em presente e ativo, numa tentativa de manejá-lo. Enquanto a sua expressão de conduta o adolescente pareceria viver em processo primário com respeito ao temporal. As urgências são enormes e, às vezes, as postergações são aparentemente irracionais. Observamos aqui essas condutas que desconcertam o adulto. O pai que recrimina o seu filho para que estude porque tem um exame imediato fica desconcertado frente à resposta do adolescente: "Eu tenho tempo! O exame é somente amanhã. É o caso, igualmente desconcertante para os adultos, da jovem adolescente que chora angustiada frente a seu pai, queixando-se da atitude desconsiderada da mãe que não contempla as suas necessidades imediatas de ter esse vestido novo para seu próximo baile. Nessas circunstâncias o pai tenta solidarizar se com a urgência de sua filha e compreende a necessidade do vestido novo para essa reunião social tão importante para ela; quando interroga a mãe a respeito do porquê da sua negativa, fica surpreso com a resposta de que esse baile vai se realizar dentro de. . . três meses.

Na realidade, este problema deve ser estudado, psicodinamicamente, desde a perspectiva que nos oferece o analisar a paulatina elaboração das partes não discriminadas da personalidade à medida que o sujeito vai amadurecendo. O indivíduo se inicia como ser unicelular absolutamente dependente de um meio (mie) e se desenvolve e diferencia progressivamente. Vai da indiferenciação mais primitiva à discriminação (38), que, como já repeti, se dá num meio social com características determinadas.

Seguindo as ideias de Bion (10) e de Bleger (11), a respeito da chamada parte psicótica da personalidade, considero que ao desfazer-se o equilíbrio alcançado na latência predomina por alguns momentos, no adolescente, precisamente a parte psicótica da personalidade.

Com esse critério, é possível considerar que a adolescência se caracteriza pela irrupção de partes indiscriminadas, fundidas, da personalidade naquelas outras mais diferenciadas.

As modificações biológicas e o crescimento corporal, incontroláveis, são vividos como um fenômeno psicótico e psicotizante no corpo. As ansiedades psicóticas resultam incrementadas pela possibilidade real de realizar as fantasias edipianas de ter um filho com o genitor do sexo oposto. O corpo se

transforma, pois, numa área na qual confluem exigências biológicas e sociais e se faz assim depositário de vivências e fantasias persecutórias terroríficas, de caráter psicótico.

Predomina uma organização sincrética com uma particular percepção do mundo, uma realidade especial onde o sujeito não pode chegar a configurar contradições.

Muitos dos eventos que o adulto pode delimitar e discriminar são para o adolescente equiparáveis, equivalentes ou coexistentes sem maior dificuldade. São verdadeiras crises de ambiguidade, que podem ser consideradas como uma das expressões de conduta mais típicas do período da vida que nos ocupa. O tempo, logicamente, está então dotado dessa indiscriminação que explica a conduta que exemplificamos anteriormente.

Considero que é durante a adolescência que a dimensão temporal vai adquirindo lentamente características discriminativas.

Às dificuldades do adolescente para diferenciar externo-interno, adulto-infantil, etc., devo acrescentar a dificuldade para distinguir presente - passado - futuro.

Pode-se unir "o passado e o futuro num devorador presente" (60), presente que tem características não discriminadas e que, conseqüentemente, implicaria uma temporalidade diferente, que quando se aplica a esta o conceito de Rascovsky (54) poderíamos falar de uma temporalidade maníaca, vinculada com o núcleo aglutinado da personalidade ou núcleo psicótico.

Como assinalei, na dimensão temporal se expressa claramente a ambiguidade do adolescente, que está relacionada então com a irrupção da parte psicótica da personalidade.

É por isso que acredito que se pode dizer que a mesma passarnagem do tempo, quando se vivencia, desperta culpa persecutória e pode mobilizar condutas psicóticas. Não é casualidade que uma entidade nosológica típica da adolescência, "a síndrome de difusão de identidade" (15), inclua especialmente a difusão temporal.

Quando o indivíduo chega à adolescência, já teve oportunidade de vivenciar, parcialmente, separações, morte de objetos internos e externos, de partes do ego, e certa limitação do temporal no plano vital (fundamentalmente no corpo e na relação interpessoal-corpórea). O transcurso do tempo vai se tornando mais objetivo (conceitual), adquirindo-se noções de lapsos cronologicamente localizados. Por isso acredito que se poderia falar de um tempo existencial, que seria o tempo em si, um tempo vivencial ou experiencial e um tempo conceitual. O tempo vivencial e o conceitual podem corresponder, respectivamente, aos chamados tempo rítmico e tempo cronológico por RoDa .

Aceitar a perda da infância significa aceitar a morte de uma parte do ego e de seus objetos para poder localizá-los no passado. Numa elaboração

patológica, este passado pode ameaçar invadir o indivíduo, aniquilando-o. Como defesas, o adolescente espacializa o tempo, para poder manejá-lo vivendo sua relação com o mesmo como um objeto (43) (56). Com este tempo-objeto pode manejar-se de maneira fóbica ou obsessiva, convertendo as situações psicóticas em neuróticas ou psicopáticas. Quando se nega a passagem do tempo, pode-se conservar a criança dentro do adolescente como um objeto morto-vivo. Isto está relacionado com o sentimento de solidão tão típico dos adolescentes, que apresentam esses períodos em que se encerram em seus quartos, isolam-se e retraem-se. Estes momentos de solidão costumam ser necessárias para que fora possa ficar o tempo passado, o futuro e o presente, convertidos assim em objetos manejáveis. A verdadeira capacidade de estar só é um sinal de maturidade que somente se consegue depois destas experiências de solidão, às vezes angustiantes, da adolescência.

Enquanto isso ocorre, a noção temporal do adolescente é de características fundamentalmente corporais ou rítmicas, ou seja, baseadas no tempo de comer, no de defecar, no de brincar, no de dormir, no de estudar, etc. É esse que denomino tempo vivencial ou experimental.

À medida que vão se elaborando os lutos típicos da adolescência, a dimensão temporal adquire outras características. É aqui que surge a conceituação do tempo, que implica a noção discriminada de passado, presente e futuro, com a aceitação da morte dos pais e a perda definitiva do seu vínculo com eles, e a própria morte.

As primeiras tentativas discriminativas temporais se efetuam a nível corporal; por exemplo, o adolescente afirma, referindo-se ao seu passado: "quando era pequeno", referindo-se ao seu futuro: "quando for grande"; ("fiz", "poderei fazer").

Nos momentos de autismo e de paralisação, assim como em alguns dos de atuação, o adolescente tende a fazer uma regressão a etapas prévias à discriminação e aceitação temporal. Nessas ocasiões pode haver condutas de agitação ou atuação (60) e procura defender-se assim da vivência do transcorrer do tempo. Manter-se unicamente no tempo experimental é uma forma de tentar paralisar o tempo e as mudanças, recusar uma perspectiva presente e um passado e um futuro.

Se no passado do adolescente houve uma evolução e experiências positivas, incorporando objetos bons, a integração e a discriminação temporal ver-se-ão facilitadas e o futuro conterà a identificação projetiva de um passado gratificante. O adolescente terá então condutas cada vez mais depressivas, menos ambíguas.

Desta maneira considero que a percepção e a discriminação do temporal seria uma das tarefas mais importantes da adolescência, vinculada com a elaboração dos lutos típicos dessa idade, Isto é o que acho que permite sair da

modalidade de relação narcisista do adolescente e da ambiguidade que caracterizam a sua conduta. Quando este pode reconhecer um passado e formular projetos de futuro com capacidade de espera e elaboração no presente, supera grande parte da problemática da adolescência.

É por isso que concordo com Mom (47) quando assinala que em toda a análise tem que se prestar especial atenção à busca do tempo, já que a dissociação e a distância s elementos que existem em função da anulação do tempo. Diz este autor que "o tempo une, integra numa unidade, condiciona uma relação objetal com um único objeto".

Ou seja, poder conceituar o tempo, vivenciá-lo como nexos de união, é o essencial, subjacente à integração da identidade.

Daí que considere que a busca da identidade adulta do adolescente esteja estreitamente vinculada com a sua capacidade de conceituar o tempo.

6- A EVOLUÇÃO SEXUAL DESDE O AUTO-EROTISMO ATÉ A HETEROSSEXUALIDADE

Na evolução do autoerotismo à heterossexualidade que se observa no adolescente, pode-se descrever um oscilar permanente entre a atividade de caráter masturbatório e os começos do exercício genital, que tem características especiais nesta fase do desenvolvimento, onde há mais um contato genital de caráter exploratório e preparatório do que a verdadeira genitalidade procriativa, que só acontece com a correspondente capacidade de assumir o papel paternal no início da vida adulta.

Ao ir aceitando sua genitalidade, o adolescente inicia a busca do parceiro de maneira tímida, mas intensa. É o período em que começam os contatos superficiais, os carinhos - cada vez mais profundos e mais íntimos - que enchem a vida sexual do adolescente.

Calcula-se que dos 13 aos 20 anos 88% dos rapazes e 91% das moças já tiveram este tipo de atividade sexual e que praticamente aos 21 anos 100% dos rapazes já tiveram essa experiência (55).

O amor apaixonado é também um fenômeno que adquire características singulares na adolescência e que apresenta todo o aspecto dos vínculos intensos, porém frágeis, da relação interpessoal adolescente. O primeiro episódio de amor ocorre na adolescência precoce e costuma ser de grande intensidade. Aparece aí o chamado "amor à primeira vista", que não só pode não ser correspondido, mas que inclusive pode ser totalmente ignorado pela pessoa amada (27), como ocorre quando esse ser amado é uma figura idealizada, um ator de cinema, uma estrela do esporte, etc., que tem na realidade as características de um claro substituto parental ao qual o adolescente se vincula com fantasias edípicas.

A relação genital heterossexual completa que ocorre na adolescência tardia é um fenômeno muito mais frequente do que se considera habitualmente no mundo dos adultos de diferentes classes sociais. Estes tentam negar a genitalidade do adolescente e não só minimizam sua capacidade de relação genital heterossexual, mas, ainda, dificultam-na.

Calcula-se que 40 a 60% dos adolescentes realizam o ato sexual completo, das características genitais (55), que, considero, tem mais um caráter exploratório, de aprendizagem da genitalidade, do que um verdadeiro exercício genital adulto de tipo procriativo, com as responsabilidades e prazeres concomitantes.

Freud (22) estabeleceu a importância das mudanças puberais para a reinstalação fática da capacidade genital do sujeito. Assinalou, também, que as mudanças biológicas da puberdade são as que impõem a maturidade sexual ao indivíduo, intensificando-se então todos os processos psicobiológicos que se vivem nesta idade. É importante destacar que Freud tinha falado de genitalidade na infância. Ao elaborar o luto pelo corpo infantil perdido, que também significa a elaboração do luto pelo sexo oposto perdido neste processo evolutivo, a aceitação da genitalidade surge com força na adolescência, imposta pela presença difícil de negar da menstruação ou do aparecimento do sêmen. Ambas as funções fisiológicas que amadurecem neste período da vida impõem ao papel genital a procriação e a definição sexual correspondente.

A dentição marca o fim do vínculo oral com a mãe. O modelo de vínculo oral é o que se vai tentar restabelecer na segunda metade do primeiro ano de vida, quando aparece a fase genital prévia de Arminda Aberastury (3) (4) (5). Seguindo as ideias desta investigadora, é possível ver como aparece aqui a necessidade do terceiro e a estruturação do complexo de Édipo precoce, que tem então características genitais e não orais. É neste momento que ocorre o descobrimento e a manipulação dos órgãos genitais e as fantasias do estabelecimento de um vínculo num nível genital. Estas fantasias de vínculo genital acontecem com as características do penetrante para o masculino e do penetrado para o feminino. É mister destacar que o vínculo deve restabelecer-se, portanto, no nível dessas funções e, conseqüentemente, tanto para o homem como para a mulher, as primeiras fantasias de recuperação do vínculo originariamente perdido podem fazer-se quando se estabelecem sobre um modelo genital, utilizando então os órgãos genitais, não como instrumentos sádicos - como implicaria o seguir mantendo o vínculo oral depois do aparecimento da dentição -, mas como uma possibilidade de vínculo afetivo e, portanto, factível de ser mantido.

São então as fantasias de penetrar ou de ser penetrado o modelo de vínculo que vai se manter durante toda a vida posterior do sujeito, como expressão do masculino e do feminino. Para isso, as figuras da mãe e do pai são

fundamentais e essenciais. A ausência ou déficit da figura do pai vai ser a que determinará a fixação na mãe e, conseqüentemente, vai ser também a origem da homossexualidade, tanto do homem como da mulher.

As possibilidades da elaboração satisfatória no lactente da fase genital prévia são factíveis, se este pode se masturbar de maneira não compulsiva, quando se identifica projetivamente com os pais em coito positivo e amoroso, e se pode realizar atividades lúdicas (3) (4).

É mister destacar que esta fase genital prévia e sua elaboração fica incluída entre as fases pré-genitais, e vai se repetir depois no período fálico clássico, aos 4 ou 5 anos. Também aqui, e seguindo o critério clássico freudiano das séries complementares, é preciso reconhecer que a conduta dos pais frente à fase genital prévia e a toda a genitalidade infantil influirá de maneira determinante na evolução genital do indivíduo. Isto é precisamente o que vemos na adolescência, onde a possível instrumentação da genitalidade, com significados adultos, aguça outra vez a fantasia e a experiência passada até então. Assim podemos ver o fenômeno da evolução do autoerotismo à heterossexualidade (masturbação primeiro, como fase genital prévia; atividade lúdica que leva à aprendizagem - que é a aprendizagem lúdica do outro sexo através do tocar, bailes, jogos, esportes - o que constitui também uma forma de exploração).

Temos aqui também o problema da curiosidade sexual, expressa no interesse pelas revistas pornográficas, tão frequente entre os adolescentes. O exibicionismo e o voyerismo se manifestam na vestimenta, no cabelo, no tipo de danças, etc.

Neste período evolutivo a importância das figuras parentais reais é enorme. A cena primária é positiva ou negativa conforme as primeiras experiências e a imagem psicológica que proporcionam os pais reais externos. As mudanças biológicas que têm lugar na adolescência produzem grande ansiedade e preocupação, porque o adolescente deve assistir passiva e impotentemente às mesmas.

A tentativa de negar a perda do corpo e do papel infantil, especialmente, provoca modificações no esquema corporal que se tenta negar na elaboração dos processos de luto normais da adolescência.

Anna Freud assinalou que a genitalidade determina modificações do ego, que se vê em graves conflitos com o id, obrigando-o a recorrer a novos e mais específicos mecanismos de defesa (21). Melanie Klein (28) afirma que o ressurgimento da libido, que segue à latência, reforça as demandas do id, ao mesmo tempo que as exigências do superego se incrementam. O compromisso então não só engloba ao ego e ao id, mas faz intervir o superego muito ativamente. Se considerarmos que na configuração do superego, desde o primeiro momento, intervêm os pais, são estas lutas com as figuras parentais,

mediante os processos de identificação com as mesmas, as que vão levar à cristalização final da identidade adolescente, preparando-a para ser uma identidade adulta.

Assim como durante a fase genital prévia se estabelece o triângulo edípico, na adolescência este se reativa com toda a intensidade, porque como a instrumentação da genitalidade se faz factível, o indivíduo se vê obrigado a recorrer a mecanismos de defesa mais persistentes e enérgicos.

Não sendo assim, a consumação do incesto seria possível. Esta seria a realização atualizada da genitalidade precoce, com a perda absoluta da fonte de identificação sexual definitiva adulta. O indivíduo que realizasse o incesto teria um impedimento no processo de individualização, já que permaneceria mantido numa relação genital precoce, sem possibilidades de definição sexual real. (A figura parental que permitiria o incesto atuaria sobre a fantasia de impedir o desprendimento do filho.)

Isso levaria a manter através da consumação incestuosa uma realização simbiótica que, de acordo com o que estudei com Arminda Aberastury, poderia constituir a base da homossexualidade tanto do homem como da mulher.

É durante a adolescência, e como aspectos da elaboração edípica, que se podem ver aspectos de conduta femininos no rapaz e masculinos na moça, que são as expressões de uma bissexualidade não resolvida.

Ao elaborar-se o complexo de Édipo, no rapaz aparecem idealizações do pai, que adquire então as características de um ser bom e poderoso que possibilita visualizar os sentimentos que o adolescente tem em relação a seu pai real e que vai poder manejar na relação adulta com o mesmo. Pode identificar-se então com os aspectos positivos do pai, superar o temor à castração por meio de realizações e conquistas diversas, completar seus estudos ou sua aprendizagem do trabalho, aceitar seus progressos, que são os que lhe mostrarão que é realmente o mesmo, o próprio adolescente, o que também tem potência e capacidade criativa.

Na moça acontece algo similar, já que ao elaborar sua situação edípica pode aceitar a beleza de seus atributos femininos e também realizar-se no trabalho ou no estudo de uma maneira completamente feminina, aceitando que seu corpo não foi destruído nem esvaziado, podendo então identificar-se com os aspectos positivos de sua mãe.

Há, logicamente, um fenômeno específico da mulher, que é o da menarca, vivido na nossa cultura como algo perigoso, daninho, e que reforça todo o tipo de fantasias persecutórias e destrutivas (28) (41) (42). Devo destacar, entretanto, que este tipo de situação não é a que fatalmente acontece sempre, ainda que logicamente, numa grande proporção de moças de nossa cultura, é possível observá-lo. Quando as fases genitais precoces e a sexualidade em geral são mais aceitas pelos pais, e quando estes mantêm uma

relação harmoniosa, proporcionando então uma imagem externa de cena primária positiva, o aparecimento da menstruação pode ser vivido como uma confirmação da sexualidade feminina e iniciar então, na moça, uma verdadeira etapa de satisfações e realizações genitais muito positivas.

É normal que, na adolescência, apareçam períodos de predomínio de aspectos femininos no rapaz e masculinos na moça. É preciso ter sempre presente o conceito de bissexualidade e aceitar que a posição heterossexual adulta exige um processo de flutuações e aprendizagem em ambos os papéis.

É preciso levar em consideração que o exercício genital procriativo sem assumir a responsabilidade consequente não é um índice de maturidade genital, mas sim de sérias perturbações neste nível. Portanto, não se pode aceitar como uma conquista genital o fato de que um adolescente em tratamento psicoterápico ou psicanalítico tenha estabelecido uma relação de namoro ou iniciado contatos genitais procriativos. Pode observar matrimônios consumados por adolescentes, ou por pessoas jovens com características francamente adolescentes, que demonstram uma total incapacidade para assumir os papéis adultos correspondentes e que, portanto, estiveram condenados a um fracasso irremediável.

Spiegel (63) assinalou que a sexualidade parece agir como uma força que irrompe sobre ou no indivíduo ao invés de ser vivido por este como uma expressão de si mesmo.

É que a sexualidade é vivida pelo adolescente como uma força que se impõe em seu corpo e que o obriga a separá-lo de sua personalidade e diante um mecanismo esquizóide por meio do qual o corpo é algo externo e alheio a si mesmo. Observei adolescentes que nos falam de suas relações sexuais como de algo necessário, não para eles, mas para seu pênis ou para sua vagina, ou para sua saúde corporal. E é aqui quando recorrem, na realidade, a uma verdadeira negação de sua genitalidade. É então que, ao tentar recuperar maniacamente a bissexualidade perdida, têm que optar pela masturbação. Esta é funda mentalmente, então, uma tentativa maníaca de manter a bissexualidade, que, às vezes, se exterioriza pela prática homossexual.

Calcula-se que aproximadamente 3% das moças e 27% dos rapazes em idade adolescente chegam a ter orgasmo como resultado de contatos homossexuais, geralmente de caráter masturbatório (49). É preciso destacar com Fenichel (19) que as experiências homossexuais ocasionais entre adolescentes não devem ser consideradas patológicas, desde que tenham esse aspecto de fenômeno temporário de adaptação e não se cristalizem como condutas definitivas.

De acordo com a minha experiência, na busca de definição genital, o adolescente costuma passar por períodos de homossexualidade, que podem ser a expressão de uma projeção da bissexualidade perdida e desejada, em

outro indivíduo do mesmo sexo. Desta maneira poderia o adolescente, na sua fantasia, recuperar o sexo que está se perdendo em seu processo de identificação genital.

Não devem, pois, assustar a ninguém as situações fugazes de homossexualidade que o adolescente apresente, e, sobretudo, aquelas que aparecem mascaradas através de contatos entre adolescentes do mesmo sexo, saídas, bailes, etc.

Desejo enfatizar que, como assinali antes, a falta da figura paterna faz com que tanto o rapaz como a moça fiquem fixados à mãe. O rapaz, ao não ter uma figura masculina com quem se identificar por déficit ou ausência da figura paterna, tentará procurar essa figura toda a sua vida (busca do pênis que dá potência e masculinidade).

A moça fica fixada à relação oral com a mãe e no contato pele a pele, reprimindo e negando as possibilidades de uma relação com um pênis, pela inexistência do mesmo em suas relações objetais precoces.

Seguindo então ideias elaboradas com Arminda Aberastury posso dizer que a raiz da homossexualidade - que costuma se dar transitoriamente como uma manifestação típica da adolescência - é preciso buscá-la na circunstância de que o pai não assume seus papéis ou está ausente. Então, tanto o rapaz como a moça vão à homossexualidade, porque ambos ficam assim obrigados a manter a bissexualidade como defesa frente ao incesto.

Tanto nesta homossexualidade normal e transitória, como na atividade genital prévia e a genital preparatória para a genitalidade procriativa, o processo masturbatório está presente desde a infância precoce até a adolescência avançada. A atividade masturbatória na primeira infância tem uma finalidade exploratória e preparatória para a futura aceitação da genitalidade (6).

Estas experiências de exploração que têm por finalidade encontrar órgão capazes de reproduzir a relação perdida com a mãe vão configurando no esquema corporal a imagem do aparelho genital. Levarão o bebê ao juízo real de que seu corpo dispõe de apenas um dos termos dessa relação perdida: a moça encontra a vagina e o rapaz o pênis. Quando a moça ou o rapaz se masturbam reconstróem com uma parte de seu próprio corpo o sexo que não têm. Com a bipedestação, o caminhar e a linguagem, a criança tem novas fontes de satisfação e suas relações com o mundo se ampliam (1). A atividade masturbatória diminui então, e a atividade lúdica e as múltiplas sublimações que surgem nessa idade tornam-se cada vez mais crescentes. A atividade masturbatória com as características de negação maníaca SE mantêm nos diferentes períodos da vida, antes de chegar à vida adulta.

Pude observar que, além das fantasias da cena primária que foram descritas como típicas na masturbação também existe uma verdadeira

dissociação mente-corpo, na qual o indivíduo aparece como espectador de uma cena primária que está se realizando no seu próprio corpo. Crianças e adolescentes costumam associar com a narração de suas experiências masturbatórias cenas onde o coito dos pais está sendo visualizado por eles.

De acordo com o que estou expondo, a masturbação é primeiro uma experiência lúdica na qual as fantasias edípicas são manejadas solitariamente, tentando descarregar a agressividade misturada com erotismo através da mesma, e aceitando a condição de terceiro excluído. É, além da tentativa maníaca de negar a perda da bissexualidade, parte do processo de luto normal da adolescência. O lúdico e preparatório da infância e da latência modifica-se na puberdade e na adolescência. Aqui, a maturidade genital, ao dar ao indivíduo a capacidade de união num nível genital, e ao outorgar-lhe sua capacidade procriativa, faz com que as fantasias incestuosas se incrementem igual à frustração, posto que o indivíduo já possui o instrumento executor da genitalidade, o qual, entretanto, ainda não pode usar (por restrições socioculturais).

É esse um dos motivos pelo qual as fantasias masturbatórias na puberdade são muito mais destrutivas e carregadas de culpa (6) do que na infância que frente à definição da necessidade da satisfação genital se reativa e intensifica a atividade masturbatória iniciada na infância precoce, como uma tentativa desesperada de manter o sujeito na bissexualidade. A intensidade do conflito criado pela metamorfose corporal e o incremento da genitalidade explica a intensidade dessa atitude e suas características mais angustiosas na adolescência.

Mas a masturbação tem também aqui a finalidade exploratória, de aprendizagem e preparatória para a futura genitalidade procriativa. É possível resumir o exposto dizendo que a masturbação, como fenômeno normal da adolescência, permite ao indivíduo nesta etapa da vida passar pela etapa esquizoparanóide de sua personalidade, considerar seus órgãos genitais como alheios a si mesmo, tentar recuperá-los e integrá-los e, finalmente, realizar o processo depressivo através de uma angústia, primeiro persecutória e logo depressiva, e integrar seus órgãos genitais a todo o Conceito de si mesmo, formando realmente uma identidade genital adulta com capacidade procriativa, independência real e capacidade de formar um par estável em seu próprio espaço e em seu próprio mundo.

Ou seja, o indivíduo terá chegado à genitalidade procriativa.

Neste sentido, e seguindo parcialmente as ideias de Erikson (15), é possível definir a genitalidade adulta como o exercício pleno da capacidade libidinal de um indivíduo, mediante a colocação em jogo dos elementos remanescentes de das as etapas de amadurecimento psicosexual, com a culminação no nível genital com Outro indivíduo do sexo oposto e com a

aceitação implícita da capacidade de procriar, sempre que as condições socioeconômicas da realidade externa o permitam, integrando assim uma constelação familiar com os papéis adultos correspondentes (30).

7 - ATITUDE SOCIAL REIVINDICATÓRIA

Referi-me parcialmente a isto quando falei do fenômeno grupal. Há, logicamente, muitas outras características destas atitudes combativas e reivindicatória do adolescente às quais fiz reiteradas referências e que logicamente precisariam ser estudadas com mais detalhes (30) (36) (37). Importante destacar que foi precisamente um fenômeno social, o desenvolvimento da delinquência juvenil nos Estados Unidos da América do Norte, que influenciou enormemente para que se fizessem estudos extensos e prolixos a respeito da adolescência (14).

Nem todo o processo da adolescência depende do próprio adolescente, como uma unidade isolada num mundo que n existira. N há dúvidas de que a constelação familiar é a primeira expressão da sociedade que influi e determina grande parte da conduta dos adolescentes.

A mesma situação edípica que vivem os adolescentes, vivem os próprios genitores do mesmo. O aparecimento da instrumentação da genitalidade, como uma realidade concreta na vida do adolescente, também é percebida pelos pais deste. Sabe-se que muitos pais se angustiam e atemorizam frente ao crescimento de seus filhos, revivendo suas próprias situações edípicas conflitivas. Os pais n s alheios às ansiedades que desperta a genitalidade dos filhos, o desprendimento dos mesmos e também os ciúmes que isto implica. Assim se provoca o que Stone e Church (64) denominaram adequadamente a situação de ambivalência dual, já que a mesma situação ambivalente que apresentam os filhos separando-se dos pais, apresentam estes ao ver que aqueles se afastam. Se a isso unimos os mecanismos projetivos e esquizoparanóides típicos do adolescente e a reação da sociedade na qual o adolescente vive, podemos ver que é toda a sociedade que intervém muito ativamente na situação conflitiva do adolescente.

Seria, sem dúvida, uma grave supersimplificação do problema da adolescência atribuir todas as características do adolescente à sua mudança psicobiológica, como se realmente tudo isto não estivesse ocorrendo num âmbito social. As primeiras identificações são as que se fazem com as figuras parentais, mas n há dúvidas de que o meio em que vive determinará novas possibilidades de identificações futuras aceitação de identificações parciais e incorporação de uma grande quantidade de pautas socioculturais e econômicas que não é possível minimizar.

A posterior aceitação da identidade está forçosamente determinada por um condicionamento entre indivíduo e meio que é preciso reconhecer.

Acredito, juntamente com outros autores, que há bases comuns a todas as sociedades que estão determinadas pela própria condição humana e pelos conflitos naturais dos indivíduos humanos. Na tentativa vital que apresenta o indivíduo para identificar-se com suas figuras parentais, e tentar depois superá-las na realidade da sua existência, o adolescente apresenta uma conduta que é o resultado final de uma estabilidade biológica e psíquica, da urgência dos dispositivos mutáveis de relação objetal e da vitalidade dos conflitos inconscientes. Estes últimos estão moldados sobre a sociedade na qual o indivíduo vive (48). A cultura modifica enormemente as características exteriores do processo, ainda que as dinâmicas intrínsecas do ser humano sigam sendo as mesmas. Acredito que os estudos antropológicos mostram variedades de manifestações de vida em comum do ser humano, que logicamente, na adolescência, marcam-se como características salientes, mas que de nenhuma maneira implicam uma negação das características básicas e fundamentais que são as que se podem descrever no adolescente. O aqui descrito como básico psicodinâmico-biológico do indivíduo se exterioriza de diferentes maneiras, de acordo com os padrões culturais. Conforme o meu pensamento, compreender os padrões culturais pode ser de inestimável importância para determinar certas pautas exteriores de manejo da adolescência, mas compreender a adolescência em si mesma é essencial para que estas pautas culturais possam ser modificadas e utilizadas adequadamente quando o adolescente claudica na patologia. A adolescência é recebida predominantemente de maneira hostil pelo mundo dos adultos, em virtude das situações conflitivas edípicas às quais já fiz referência. Criam-se estereótipos (7), com os quais se tenta definir, caracterizar, assinalar, ainda que realmente, acredito eu, se procure isolar fobicamente os adolescentes do mundo dos adultos.

Não é uma simples casualidade que a entrada na puberdade seja tão desta cada em quase todas as culturas. Os chamados ritos de iniciação são muito diversos, mas têm fundamentalmente sempre a mesma base: a rivalidade que os pais do mesmo sexo sentem ao ter que aceitar como iguais - e posteriormente inclusive admitir a possibilidade de serem substituídos pelos mesmos - a seus filhos, que assim se identificam com eles (48). A sociedade é a que se encarrega do conflito edípico e tende a impor a sua solução, às vezes de uma maneira muito cruel, o que já reflete essa situação de ambivalência dual à qual me referi e ao antagonismo que os pais sentem com relação a seus filhos.

Não acredito que este seja um simples fenômeno de estudo antropológico que possa refletir uma curiosidade histórica com referência a culturas primitivas. Nossa própria sociedade pode ser tão cruel como a menos civilizada das culturas arcaicas que conhecemos. É muito conhecida a rigidez de alguns pais, as formalidades que exigem da conduta de seus filhos

adolescentes, as limitações brutais que costumam impor, a ocultação maliciosa que fazem do aparecimento da sexualidade, o tabu da menarca, as negações de tipo moralista que contribuem para reforçar as ansiedades paranoicas dos adolescentes.

Também é conhecida a contradição de nossa sociedade contemporânea, onde as possibilidades materiais para o ser humano são enormes, especialmente nos chamados países de afluência, e onde, entretanto, tudo se torna praticamente impossível para o adolescente. Podemos nos sentar em frente ao vídeo de uma televisão em nosso próprio lar e ver o que acontece nos países mais afasta dos e nas sociedades mais desconhecidas. Podemos assim reconhecer a falácia de nossos costumes e podemos tentar modificá-los.

O fenômeno da subcultura adolescente se expande e se contagia como um sinal de rebelião. Na realidade, acredito que se trata de identificações cruzadas e massivas, que ocorrem como uma necessidade de defesa egóica neste período da vida, mediante a qual o indivíduo vai se desprendendo de situações infantis e vendo, ao mesmo tempo, como é perigosa e indefinida a sua entrada no mundo dos adultos.

A atitude social reivindicatória do adolescente torna-se praticamente imprescindível.

A sociedade, mesmo manejada de diferentes maneiras e com diferentes critérios socioeconômicos, impõe restrições à vida do adolescente. O adolescente, com a sua força, com a sua atividade, com a força reestruturadora da sua personalidade, tenta modificar a sociedade que, por outra parte, está vivendo constantemente modificações intensas. Tendo consciência da alteração que significa o que afirmo, é possível dizer que se cria um mal-estar de caráter paranóide no mundo adulto, que se sente ameaçado pelos jovens que vão ocupar esse lugar e que, portanto, são reativamente deslocados. O adulto projeta no jovem a sua própria incapacidade em controlar o que está acontecendo sócio politicamente ao seu redor e tenta, então, deslocar o adolescente. Vemos que, muitas vezes, as oportunidades para os adolescentes capazes estão muito restringidas e em não poucas oportunidades o adolescente tem que se adaptar, submetendo-se às necessidades que o mundo adulto lhe impõe. Pareceria que, às vezes, como diz Sullivan (65), o adolescente tivesse que descobrir que só pode progredir no comércio ou na indústria mediante uma paciente e sistemática adaptação aos ditames dos débeis mentais, e mostra como o triunfo da mediocridade e da estupidez humana proporciona um certo grau de comodidade cuja única saída é, às vezes, encontrada nas façanhas heróicas do crime e da delinquência.

Na medida em que o adolescente não encontre o caminho adequado para a sua expressão vital e para a aceitação de uma possibilidade de realização, não poderá jamais ser um adulto satisfeito. A tecnificação da

sociedade, o domínio de um mundo adulto incompreensível e exigente, a burocratização das possibilidades de emprego, as exigências de uma industrialização mal canalizada e uma economia mal dirigida criam uma divisão de classes absurda e ilógica que o indivíduo tenta superar mediante crises violentas, que podem se comparar a verdadeiras atitudes de caráter psicopático da adolescência (aqui me refiro especificamente a um mecanismo útil pelo inevitável). Muitas outras vezes, frente a estas vicissitudes, a reação da adolescência, ainda que violenta, pode adotar a forma de uma reestruturação egóica revolucionária, que conduz a uma liberação desse superego social cruel e limitador. É então a parte sadia da sociedade que se refugia no baluarte de uma adolescência ativa, que canaliza as reivindicações lógicas que a própria sociedade precisa para um futuro melhor.

Como psicanalista, penso que, para poder compreender algumas destas mudanças devemos levar em consideração as dinâmicas psicológicas, que estão determinadas não somente pelas realidades socioeconômicas do mundo em que vivemos, mas também pelas necessidades psicológicas de uma adolescência que se prolonga no que antes era uma vida adulta serena, e que hoje não pode ser mais do que uma inquietude, uma instabilidade, uma sensação de fracasso que se deve tentar superar de qualquer maneira e a qualquer preço.

A juventude revolucionária do mundo, e a nossa especialmente, tem em si o sentimento místico da necessidade da mudança social. O que se pode explicar como o manejo onipotente do mundo que precisa lucubrar o adolescente como compensação, encontra na realidade social frustrante uma imagem espetacular do seu superego cruel e restritivo. As partes sadias do seu ego se põem a serviço de um ideal que permite modificar estas estruturas sociais coletivas e surgem assim grandes movimentos de conteúdo valioso e nobre para o futuro da humanidade. O perigo reside em que, mediante o mesmo mecanismo, podem-se canalizar certos jovens para empresas e aventuras destrutivas, perniciosas e patologicamente reivindicatórias.

Ou seja, as atitudes reivindicatórias e de reforma social do adolescente podem ser a cristalização na ação do que já ocorreu no seu pensamento. As intelectualizações fantasias conscientes, necessidades do ego flutuante que se reforça no ego grupal, fazem com que se transformem em pensamento ativo, em verdadeira ação social, política, cultural, esta elaboração do processo da adolescência que considero tão fundamental em todo o desenvolvimento evolutivo do indivíduo.

Frente ao adolescente individual, é preciso não esquecer que grande parte da oposição que se vive por parte dos pais é transferida ao campo social. Além disso, grande parte da frustração que significa fazer o luto pelos pais da infância projeta-se no mundo externo. Desta maneira, o adolescente sente que

não é ele quem muda, quem abandona o seu corpo e o seu papel infantil, mas que são os seus pais e a sociedade os que se negam a seguir funcionando como pais infantis que têm com ele atitudes de cuidado e proteção ilimitados. Descarrega então contra eles o seu ódio e a sua inveja e desenvolve atitudes destrutivas. Se puder elaborar bem os lutos correspondentes e reconhecer a sensação de fracasso, poderá introduzir-se no mundo dos adultos com ideias reconstrutivas, modificadoras, num sentido positivo da realidade social e tendentes a que, quando exerça a sua identidade adulta, possa se encontrar num mundo realmente melhor. Insisto que quando falo de adaptação, aceitação ou reconhecimento não me refiro ao submetimento, mas à inteligente possibilidade de uma relação objetal não masoquista.

8 - CONTRADIÇÕES SUCESSIVAS EM TODAS AS MANIFESTAÇÕES DA CONDUTA

A conduta do adolescente está dominada pela ação, que constitui o modo de expressão mais típico nestes momentos da vida, em que até o pensamento precisa tornar-se ação para poder ser controlado.

O adolescente não pode manter uma linha de conduta rígida, permanente e absoluta, ainda que muitas vezes o pretenda ou procure.

Spiegel (63) falou da personalidade do adolescente descrevendo-a como esponjosa. Logicamente é uma personalidade permeável, que recebe tudo e que também projeta enormemente, ou seja, é uma personalidade na qual os processos de projeção e introjeção são intensos, variáveis e frequentes.

Isto faz com que não possa ter uma linha de conduta determinada, o que já indicaria uma alteração da personalidade do adolescente. É por isso que falamos de uma normal anormalidade, de uma instabilidade permanente do adolescente. Só o adolescente mentalmente doente poderá mostrar rigidez na conduta. O psicopata, por exemplo, mostra todas as características descritas como fugazes e transitórias no adolescente, mas de uma maneira rígida, cristalizada, estável e inflexível. O neurótico obsessivo, o autista, o adolescente com difusão de personalidade, mostrar-nos-ão características estabilizadas de conduta num nível patológico.

No adolescente, um indício de normalidade se observa na fragilidade da sua organização defensiva.

É o mundo adulto quem não suporta as mudanças de conduta do adolescente, quem não aceita que o adolescente possa ter identidades ocasionais, transitórias, circunstanciais, como descrevi anteriormente, e exige dele uma identidade adulta, que logicamente não tem por que ter.

Estas contradições, com a variada utilização de defesas, facilitam a elaboração dos lutos típicos deste período da vida e caracterizam a identidade adolescente.

9-SEPARAÇÃO PROGRESSIVA DOS PAIS

Já indiquei que um dos lutos fundamentais que o adolescente tem que elaborar é o luto pelos pais da infância. Portanto, uma das tarefas básicas concomitantes à identidade do adolescente é a de ir separando-se dos pais, o que está favorecido pelo determinismo que as mudanças biológicas impõem neste momento cronológico do indivíduo.

O aparecimento da capacidade executora da genitalidade impõe a separação dos pais e reativa os aspectos genitais que tinham começado com a fase genital prévia. A intensidade e a qualidade da angústia com que se dirige à relação com os pais e a separação destes estará determinada pela forma em que se realizou e elaborou a fase genital prévia de cada indivíduo, à qual somar-se-ão, logicamente, as experiências infantis anteriores e posteriores, e a atual da própria adolescência.

O aparecimento da instrumentação da genitalidade com capacidade procriativa, como já assinalei, é percebido também pelos pais do adolescente. Muitos pais se angustiam e atemorizam frente ao crescimento de seus filhos, revivendo suas próprias situações edípicas, o que, como já indiquei, dá lugar a situações conflitivas muito complexas que é preciso levar em consideração.

Os pais são alheios às ansiedades que despertam a genitalidade e o desprendimento real, e aos ciúmes que isto implica nos filhos e neles mesmos. A evolução da sexualidade depende, em grande parte, de como os próprios pais aceitam os conflitos e o desprendimento que os filhos, de uma maneira ou outra, podem expressar. Já me referi ao conceito de ambivalência dual, que é mister destacar novamente aqui, para entender o difícil processo de separação entre pais e filhos adolescentes.

Muitas vezes, os pais negam o crescimento dos filhos e os filhos veem os pais com as características persecutórias mais acentuadas.

Isto acontece especialmente se a fase genital prévia se desenvolveu com dificuldades e as figuras dos pais combinados, a cena primária, teve e tem caracteres de indiferenciação e de perseguição. Se a figura dos pais aparece com papéis bem definidos, numa união amorosa e criativa, a cena primária diminui seus aspectos persecutórios e se converte no modelo do vínculo genital que o adolescente procurará realmente.

A presença internalizada de boas imagens parentais, com papéis bem definidos, e uma cena primária amorosa e criativa, permitirá uma boa separação dos pais, um desprendimento útil, e facilitará ao adolescente a passagem à maturidade, para o exercício da genitalidade num plano adulto.

Por outro lado, figuras parentais não muito estáveis nem bem definidas em seus papéis podem aparecer ante o adolescente como desvalorizadas e obrigá-lo a procurar identificação com personalidades mais consistentes e firmes, pelo menos num sentido compensatório ou idealizado. Nestes

momentos, a identificação com ídolos de diferentes tipos, cinematográficos, desportivos, etc., é muito frequente. Em certas ocasiões, podem acontecer identificações de carácter psicopático, onde por meio da identificação introjetiva e adolescente começa a viver os papéis que atribui ao personagem com o qual se identificou.

Em virtude da necessidade de negar as fantasias genitais e a possibilidade de realização edípica, os mecanismos esquizoparanóides costumam ser muito intensos. Grande parte da relação com os pais está dissociada e estes são vistos então como figuras muito más ou muito boas, o que logicamente depende funda mentalmente de como foram introjetadas estas figuras nas etapas pré-genitais, entre as quais incluímos a fase genital prévia. As identificações se fazem, então, com substitutos parentais nos quais se podem projetar cargas libidinosas, especialmente em seus aspectos idealizados, o que permite a negação da fantasia edípica subjacente. Assim como aparecem relações fantasiadas com professores, heróis reais e imaginários, companheiros mais velhos, que adquirem características parentais, e podem começar a estabelecer relações que nesse momento satisfazem mais.

A dissociação esquizóide do adolescente é um fenômeno normal e natural que é preciso aprender a reconhecer para compreender algumas das suas características. A localização social deste fenômeno pode fazer com que se entenda, com muito mais clareza, a base fundamental comum que apresenta determinada característica cultural, num certo meio geográfico e tradicional. Só se observará uma variação externa da forma de expressão de um fenômeno básico psicológico, que é o que descrevo neste momento.

10- CONSTANTES FLUTUAÇÕES DO HUMOR E DO ESTADO DE ÃNIMO

No meu primeiro trabalho sobre este tema (30) assinalei e enfatizei como os fenômenos de depressivo e luto acompanham o processo identificatório da adolescência.

Um sentimento básico de ansiedade e depressão acompanhará permanentemente, como substrato, o adolescente.

A quantidade e a qualidade da elaboração dos lutos da adolescência deter minarão a maior ou menor intensidade desta expressão e destes sentimentos.

No processo de flutuações dolorosas permanentes, a realidade nem sempre satisfaz as aspirações do indivíduo, ou seja, suas necessidades

instintivas básicas, ou sua modalidade específica de relação objetal em seu próprio campo dinâmico. O ego realiza tentativas de conexão prazerosa - às vezes desprazerosa - nirvânica com o mundo, que nem sempre se consegue, e a sensação de fracasso frente a esta busca de satisfações pode ser muito intensa e obrigar o indivíduo a se refugiar em si mesmo.

Eis aí o retorno a si mesmo autista (38), que é tão singular no adolescente e que pode dar origem a esse sentimento de solidão característico dessa típica situação de frustração e desalento e desse aborrecimento que "costuma ser uma característica distintiva do adolescente" (13). O adolescente se refugia em si mesmo e no mundo interno que se foi formando durante a sua infância, preparando-se para a ação e, diferente do psicopata, do neurótico e do psicótico, elabora e reconsidera constantemente suas vivências e seus fracassos. Como exemplo típico do contrário, podemos citar o psicopata, que sente a necessidade de atuar diretamente pelo penoso que lhe é enfrentar, depressivamente, todas estas situações do seu mundo interno.

A intensidade e a frequência dos processos de introjeção e projeção podem obrigar o adolescente a realizar rápidas modificações no seu estado de ânimo, já que se vê, de repente, submerso nas desesperanças mais profundas ou, quando elabora e supera os lutos, pode projetar-se numa presunção que muitas vezes costuma ser desmedida. As mudanças de humor são típicas da adolescência e é preciso entendê-las sobre a base dos mecanismos de projeção e de luto pela perda de objetos que já descrevi; ao falharem estas tentativas de elaboração, tais mudanças de humor podem aparecer como microcrises maníaco-depressivas.

* * *

Descrevi aqui a síndrome da adolescência normal. Trata-se logicamente de uma apresentação esquemática de um processo fenomenológico que permite apreciar a expressão da conduta e determinar as características da identidade e do processo adolescente. Os fenômenos subjacentes, de caráter dinâmico, interpretam-se como o motor que determina este tipo de expressão de conduta.

Destacamos que aceitar uma normal anormalidade do adolescente não implica situar este num quadro nosológico, mas que tem por objeto facilitar a compreensão deste período da vida, com as características que destaquei, o que configura uma manifestação que se pode objetivar na clínica. A descrição desta situação, na qual foram destacados os caracteres de anormalidade, tem o mesmo objeto que levou Melanie Klein a falar de fantasias psicóticas no bebê. Trata-se de localizar a personalidade com todas as suas características dinâmicas para uma melhor compreensão da mesma. As descrições idealizadas, ou os preconceitos denigratórios ou persecutórios com respeito à adolescência

não ajudam nem o sociólogo, nem o educador, nem o psicólogo ou o psiquiatra a enfrentar este período da vida cujo estudo profundo, curiosamente, foi deixado um pouco de lado, se revisarmos adequadamente a literatura psiquiátrica e psicanalítica, exceto nos últimos dois ou três anos.

Poder aceitar a anormalidade habitual no adolescente, vista desde o ângulo da personalidade idealmente sadia ou da personalidade normalmente adulta, permitirá uma aproximação mais produtiva a este período da vida. Poderá determinar o entender o adolescente desde o ponto de vista adulto, facilitando-lhe seu processo evolutivo rumo à identidade que procura e precisa. Somente quando o mundo adulto o compreende adequadamente e facilita a sua tarefa evolutiva o adolescente poderá desempenhar-se correta e satisfatoriamente, gozar de sua identidade, de todas as suas situações, mesmo das que, aparentemente, têm raízes patológicas, para elaborar uma personalidade mais sadia e feliz.

Do contrário, sempre se projetarão, no adolescente, as ansiedades e a patologia do adulto e se produzirá esse colapso ou crise de confronto de gerações, que dificulta o processo evolutivo e não permite o gozo real da personalidade.